

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

Instituto, R. Jardim Regedor, 13 e 15

EDITOR

Ernesto Vieira

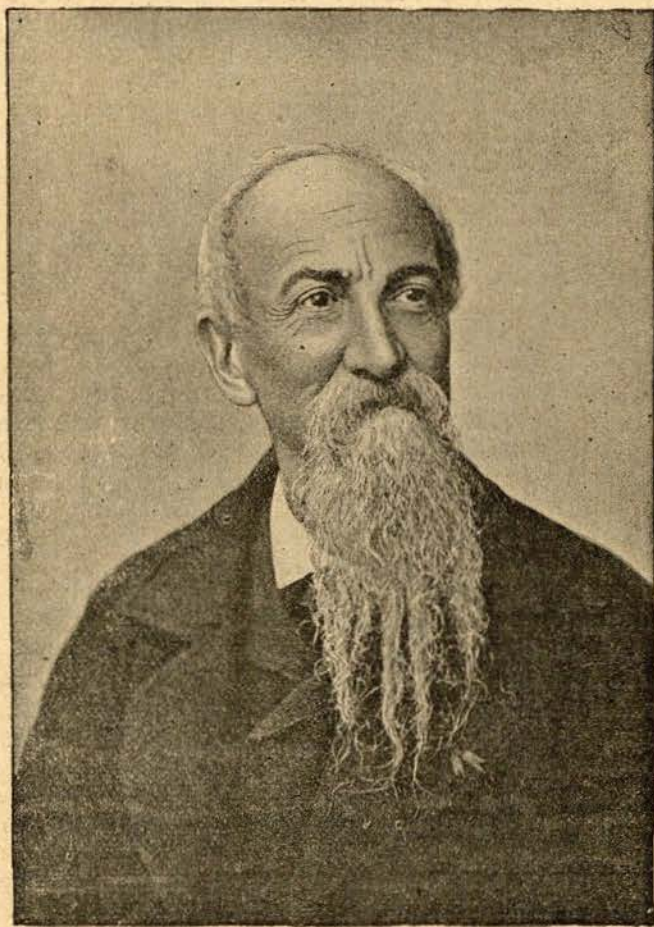
SUMMARIO — A. Marmontel — Frei Luiz de Sousa em musica (*conclusão*) — Concertos — D. Elisa Baptista de Sousa (Carnaxide) — Theatro de S. Carlos — Serrana (argumento) — Noticiario — Caricaturas.

MARMONTEL

ANTONIO Marmontel, sobrinho do litterato do mesmo appellido, nasceu em Clermont-Ferrand a 18 de julho de

1816. Tinha pouco mais de dez annos quando entrou para o conservatorio de Paris, estudando piano com Zimmermann, harmonia com Dourlen, contraponto e fuga com Ha-

lévy, composição com Lesueur. Obteve o primeiro premio de piano e o segundo de harmonia e acompanhamento em 1832, tendo portanto apenas 16 annos; em 1835 alcançou um segundo premio em fuga. Pouco depois passou de alumno a professor, sendo incumbido em 1837 de dirigir uma classe de solfejo, funcções que desempenhou durante onze annos. até que em 1848 re-



cedeu a nomeação de professor de piano. Tendo completado cincoenta annos de serviço official, desempenhado com inextinguível zelo e aproveitamento, pediu a sua re-

cedeu a nomeação de professor de piano.

Tendo completado cincoenta annos de serviço official, desempenhado com inextinguível zelo e aproveitamento, pediu a sua re-

forma, que lhe foi concedida. Mas apesar de contar n'esse tempo mais de setenta annos de idade, não se votou inteiramente ao descanso, antes continuou a dirigir o curso particular que tinha em sua propria casa; poucas semanas antes de fallecer ainda deu um sarau em que apresentou os seus ultimos discipulos.

Marmontel trabalhou muito tambem como compositor. E' bem conhecida dos pianistas professores a excellente obra intitulada *L'Art de déchiffrer*, utilissima para o estudo classico de estylo e leitura; mas além d'esta, que é a mais vulgarisada, escreveu mais as seguintes colleções de estudos para piano: *Ecole élémentaire de mécanisme et de style*; 24 estudos especiaes e expressivos; 24 estudos de agilidade e de expressão; 24 grandes estudos de estylo e de bravura; 30 pequenos estudos de mechanismo e melodicos; 25 estudos progressivos de mechanismo e de expressão; 24 grandes estudos caracteristicos; *Ecole de mécanisme*, tres volumes; 50 estudos; *L'Art de déchiffrer à 4 mains*. Compoz tambem muitos trechos diversos, taes como «Meldias», «Peças caracteristicas», etc.

Professor illustrado, enriqueceu a litteratura musical com as seguintes obras: *Vademecum du professeur de piano*; *Conseils d'un professeur*; *Les pianistes célèbres*; *Symphonistes et virtuoses*; *Virtuoses contemporains*; *Éléments d'esthétique musicale*; *Histoire du piano*. Sobretudo os *Conseils d'un professeur*, constituem um livro de grande interesse pedagogico para os pianistas que se dedicam ao ensino.

Marmontel nunca brilhou como concertista, mas tornou-se, pela affabilidade do character, abnegação completa e methodo de ensino, um dos mais conceituados mestres. Os seus discipulos que se tornaram pianistas distinctos contam-se por centenas, e entre elles muitos dos mais celebres musicos contemporaneos; basta lembrar os nomes de Bizet, Guiraud, Wieniawski, Plané, Diémer, Dubois, Ketten, Fissot e outros de igual envergadura. As suas lições particulares eram procuradas por muitos estrangeiros que desejavam aperfeiçoar-se, especialmente no estylo classico que elle ensinava com extrema correcção. Receberam lições d'este illustre mestre os nossos pianistas Eugenio Mazoni, visconde de Oliveira Duarte, Thimoteo da Silveira e o pianista e compositor brasileiro Carlos Mesquita.

Homem de grande coração, deu uma bella prova de patriotismo na época da guerra franco-prussiana, alistando-se com o filho, então creança, nos batalhões voluntarios e batendo-se valentemente em varias acções.

Falleceu em 17 de janeiro de 1898, apoz curta doença, e quasi inesperadamente porque apresentava ainda uma rara virilidade apesar de já contar 82 annos.

Prestando-lhe a derradeira homenagem á beira da sepultura, seu discipulo Theodoro Dubois, o actual director do Conservatorio de Paris, pronunciou um discurso do qual alguns jornaes reproduziram o seguinte periodo que synthetisa as qualidades d'aquelle tão notavel mestre.

«... Marmontel foi o mais nobre character d'artista que tenho conhecido. Possuia todas as qualidades da natureza, do espirito e do coração que caracterisam os homens e artistas superiores: talento, fé, rectidão, ardor, dedicação, desinteresse, sensibilidade affectuosa e, como complemento, bondade inalteravel... Compositor distincto, critico sagaz e judicioso, patriota ardente, homem de alta intelligencia, grande cultura intellectual, justo criterio, Marmontel não exercia influencia nos discipulos só pelas lições, mas tambem pela conversação attrahente, captivante, pela communicação de idéas que sabia despertar affectuosamente, paternalmente. Emfim, sabia tornar todos os que o conheciam em outros tantos admiradores e amigos reconhecidos.»

ERNESTO VIEIRA.

O FREI LUIZ DE SOUZA EM MUSICA

(CONCLUSÃO)

Os compositores moços, ousados e convictos d'originalidade, amantes sinceros do pittoresco, terão porém para elles a scena do fogo em casa de D. Manoel de Souza Coutinho; grande scena que virá toda cortada de sabias harmonias e passagens contrapontadas, harpejos descriptivos em orchestrações allucinantes, modulações arrojadissimas, series raras ascendentes e descendentes, tudo effeitos novos, estranhos de sonoridade, em que o musico, inspirando-se na *Encantação do Fogo* da Walkyria de Wagner, conseguirá ficar sempre pessoal, segundo usam afirmar os criticos profissionaes.

Hoje estão em moda as exterioridades wagnerianas, como já o estiveram tambem as de Meyerbeer, grande conhecedor dos publicos mundanos. E, porque as d'este figurino já vão cançando, é que deixamos d'apontar a scena a bordo e a respectiva *Aria della tempesta*, de facto verdadeiramente necessarias para completar a physiologia psychologica do geographo do Levante.

Como se vê, não é muito difficil d'architectar um libretto d'opera, quer para grande, quer para pequeno; arte de deleite, mais ou menos sensual, mais ou menos habilmente construida e apresentada, é o que todos nós sabemos.

*

Não se trata porém d'uma concepção d'este genero, porque dentro d'ella ha sempre logar para paginas musicas d'effeito tanto mais seguro quanto o publico já a elle está habituado, já o espera mais ou menos, já sabe *grosso modo* que o não molestará com fortes surpresas. Nem o cança, nem o humilha; deleita o e não o agita.

Trata-se sim de saber se, conservando a esse assumpto toda a pureza e nobre simplicidade das suas grandes linhas, ou se, augmentando-lhe ainda essas qualidades, elle se presta a ser tratado *no sentido da musica*, intendendo esta expressão como a entendia Wagner; isto é, de saber se poderemos com elle obter largas paginas contendo sentimentos ineditos, traduziveis em fórmulas musicas e justificaveis por intensa commoção esthetica diferenciada, de maneira que a musica ahí conserve todo o seu valor artistico, tal qual o encontramos na fórmula pura integral, a symphonia beethoviana, e a obra d'arte seja o quer que é de novo.

E' este o ponto de vista que nos deve levar á resolução do problema, no intuito de se fazer arte expressiva e não méra decoração.

Em musica, mais do que em nenhuma outra arte, o amor é o principal sentimento, ou *motivo interior*, na expressão wagneriana, geradôr de qualquer obra; e, na forma dramatica, uma excepção apenas se conta, penso eu, á correspondente ordem de commoções estheticas. E' o *Fidelio* de Beethoven, o qual, como um dia ouvi a Monsieur Gevaert, o sabio e espirituoso director do Conservatorio de Bruxellas, só se explica pelo extraordinario e collossal genio do seu auctor; encher tres actos de melodrama banal, sem episodios amorosos, e onde apenas apparece a bondade e a esperança da mulher em procura do marido para o salvar, produzindo constante enthusiasmo em todos os publicos, só o comprehendia feito pelo gigante da 9.^a Symphonia.

Mas no *Fidelio* ha ainda a esperança, como motivo interior, em contraste violento com o odio do tyranno da peça e, no fim, como em todo o melodrama ingenuo, «triumpha a virtude e é punido o vicio»; marido e mulher acham-se de novo reunidos e felizes, podendo amar-se.

No *Frei Luiz*, ao contrario, achamos um

motivo interior unico, o terror que anda no ar, que envolve todos os personagens, numa densa athmosphera de mau presagio; sente-se, adivinha-se a proximidade d'uma tremenda catastrophe. E esse elemento tragico, mais pavorosamente intenso do que em qualquer outra tragedia, incide de preferencia sobre o fructo delicado e innocente do amor pecaminoso e fatal, em Maria, personagem estranhamente precursor d'uma fórmula d'arte nova, que só muito tarde deveriamos ver chegar do Norte, onde o maravilhoso mais parece misturar-se á vida de todos os dias.

O maravilhoso, em Garrett como em Ibsen, vem dos factos reaes da vida comum; entretanto devemos confessar que, nem ainda nas *Almas do outro mundo*, o tragico e o pathetico se elevam á intensidade e altura da dilacerante athmosphera mental em que se agita Maria de Noronha, a suavissima nevrotica e vidente. Talvez a *Morte de Tintagiles*, em Maetterlinck, se lhe possa emparelhar como intensidade. O que comtudo esta não allia é o altissimo sentimento tragico de fatalidade, de immanencia, que parece vir-lhe do mundo grego, onde Garrett intencionalmente o foi beber, dando-nos depois esse caminhar lento e inevitavel para um destino presentido, de inexcusable horror.

No *Tristão e Isolda* de Wagner, o *Mors-amor* é concebido dentro do idealismo germanico e d'uma religião de infinita misericordia: Isolda morre feliz por deixar o contingente da vida real e poder ir gosar eternamente do amor de Tristão. Durante o intenso e agitado drama ha, comtudo, todo um acto d'amor compartilhado, o segundo, e todo um acto de incerteza, o primeiro. No *Frei Luiz* todos os actos são invariavelmente tragicos e dominados pela mesma ancia e terror.

Se pois esse admiravel drama dá a Garrett uma excepcional e inexcusable estatura esthetica, força é confessar que elle se torna por isso mesmo intraduzivel em musica. Porque o compositor encontrará ahí um só motivo interior a suggestioná-l'o, embora com um largo desenvolvimento em crescendo; e, sendo sincero, honesto, verá a obra musical resultar-lhe monotona e atrozmente dolorosa. Já o *Tristão* de Wagner, é esgotante e, para muitos, excepionalmente perturbador, apesar da variedade das situações.

Quanto a nós pois, o *Frei Luiz*, musicalmente fallando, dará apenas assumpto, ou para uma serie de scenas homogeneas, a ponto tal que ha a receiar enfado; ou então para uma só grande pagina symphonica, de largo character tetrico e fulminante.

As tentativas realizadas até hoje parecem confirmar a nossa opinião. Entretanto, em arte como em tudo o mais, devemos contar com os desmentidos que nos dão os Beethoven e os Wagner. Quem seria capaz de crêr que o libretto do *Fidelio* podesse provocar a esplendida inspiração beethoviana? E Wagner, durante muito tempo, não desprezou o thema do Lohengrin por incapaz de o suggestionar?

É possível ainda talvez que, transformada a acção, modificadas as suas condições d'equilíbrio, fazendo de Maria o personagem capital e centro da acção, e referindo-lhe o drama desde o principio, musicalmente o problema fosse solúvel; teríamos porém assim uma *Maria* e não um *Frei Luiz*, tal como os allemães querem para o *Fausto* de Gounod que intitulam *Margarida*. Mas, n'esse caso, desde que o personagem de Maria passasse por estados d'alma diversos que provocassem paginas musicas d'expressões diferenciadas, certo é que não se trataria do drama de Garrett, porque este começa depois da terrível suspeita haver penetrado na alma sensibilissima da filha de Manuel de Souza Coutinho.

Resumindo: pensamos que o *Frei Luiz*, como *opera* poderá dar tudo quanto o genero creador d'um grande artista consiga conceber em redor d'um assumpto que, estheticamente, é mero pretexto para se fazer uma qualquer musica; como *drama musical*, dará unicamente uma larga pagina symphonica, d'um movimento crescente em agitação e expressão tragica.

Porto, janeiro de 1899.

ANTONIO ARROYO.

CONCERTOS

No dia 16 d'este mez, realisou-se em casa do nosso amigo e illustre professor Victor Hussla, uma interessante audição musical, com character intimo, em que o notavel mestre apresentou alguns dos seus discipulos.

A *séance* foi dedicada á Ex.^{ma} Sr.^a D. Elvira Peixoto Archer, uma antiga discipula de Hussla e hoje uma distincta artista, cujas qualidades excepcionaes de correcção, delicadeza, afinação, *charme*, e desenvolvida technica lhe asseguram um logar preeminente entre os nossos violinistas.

Tocou com Victor Hussla o Concerto em

ré menor de Bach, cuja execução foi brilhante, especialmente no admiravel *adagio*, e a solo uma *Berceuse* e um *Scherzo*, deliciosas composições de Hussla, que julgamos não se poderem executar melhor do que o fez esta distincta *virtuose*.

A *Berceuse* foi deliciosamente detalhada e o *Scherzo*, todo em *sautillé*, executado com um raro primôr de mechanismo.

Fóra do programma tocou ainda Madame Archer uma fantasia de Wieniawski (*Souvenir de Moskow*) cujas variações em harmonicos foram magistralmente feitas e um Nocturno de Chopin-Sarasate, que muito agradou.

Figuraram ainda no programma o 8.^o *Concerto* de Beriot, em que a Ex.^{ma} Sr.^a D. Alice Silva patenteou os progressos que tem feito na sua arte. Se nos fosse permitido especialisar, diríamos a bella impressão que nos fez o *andante* d'esse trecho, que foi tocado com muita largueza e correcção e o final a que a sympathica violinista imprimio grande brilho.

Cecil Mackee, outro discipulo laureado de Hussla tocou a *Fantasia-capricho* de Vieuxtemps, manifestando mais uma vez as raras qualidades de *virtuose* que todos lhe conhecem. A sua bella dicção, mascula sonoridade e admiravel certeza com que fez os passos em *staccato* e outras difficuldades que se contem no trecho que lhe estava confiado, levantaram entusiasticos e merecidos applausos.

Fóra do programma, prestou-se gentilmente a Ex.^{ma} Sr.^a D. Victoria Mirés a cantar dois trechos de Gordigiani, *Santissima Vergine* e *Tempo passato perché non ritorni*, bem como um delicioso *Notturmo* de Cotogni, agradando immensamente todos os trechos.

Egual gentileza teve a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Elisa Salusse Costa, que executou muito bem o 1.^o *Fado* de Rey Colaço, sendo entusiasticamente applaudida.

Acompanharam os solistas ao piano, Madame Bertha Hussla, M.^{elle} Alda Peixoto e Michel'angelo Lambertini.

*

Brilhante e concorrido o sarau com que o Gremio Lusitano inaugurou o seu novo salão no domingo 26. A arte musical, unica de que nos cumpre falar, teve representação condigna, especialmente por parte da excellente professora de canto D. Alexandrina Castagnoli, que disse primorosamente, com a sua bella e extensa voz, a romanza da «Cavalleria Rusticana» e o «Adieu» de Denza. Não se encontram assim muitas vezes reunidos os dotes naturaes e os recursos de uma arte sobria e bem ponderada.

Tambem cantaram: o sr. Xavier Vieira, duas composições, com letra portugueza, de Thomaz Borba, e o sr. Alfredo Hansen o prologo dos «Palhaços.» O sr. Julio Camara executou um solo de bandolim que foi ouvido com muito agrado, e o sr. Rebel Fernandez alguns trechos no violão.

*

Nas elegantes salas da sr.^a condessa de Penha Longa, realisou-se hontem, 27, um concerto, de que daremos no proximo numero o programma detalhado.

GALERIA DOS NOSSOS

D. Elisa Baptista de Souza

(CARNAXIDE)



GRANDE alma d'artista n'esse franzino corpo! Por isso o culto que dedica á sublime arte dos sons toca as raias do fetichismo. Bem haja!

As horas que diariamente emprega para burilar o seu estylo ou para conservar a sua maravilhosa technica, são horas de santo recolhimento, em que mil

sonhos de Gloria esvoaçam ridentes em torno da sua gentil cabeça.

Poucos artistas temos visto tão entusiasmamente dedicados á sua arte, como a nossa perfilada d'hoje e tambem poucos temos visto que em meia duzia d'annos ganhassem fóros tão merecidos de impecavel concertista.

Foi o seu primeiro mestre o notavel professor do Conservatorio Francisco Bahia, que é hoje uma das nossas melhores glorias artisticas. Seguiu-se-lhe Vianna da Motta, de quem foi a unica discipula em Portugal e por ultimo confiou ao rutilante espirito de Rey Colaço a direcção dos seus trabalhos d'arte. Como vêem, a sua linhagem artistica é de sangue azulissimo.

Pois n'esse braço dourado, desenha-se ainda um coração bom, gotteando uma lagrima por cada infortunio que vê, sempre prompto a pôr aquelle formoso talento ao serviço d'uma formosa ideia de philantropia.

SCHAUNARD

THEATRO DE S. CARLOS

Rigoletto

Fevereiro 14.

O Rigoletto não teve hontem um desempenho que satisfizesse. Os recursos de que a sr.^a Martelli dispõe, muito aproveitaveis n'algumas operas, são insufficientes para lhe permittir agradar na parte de Gilda, principalmente na aria do 1.^o acto, que ainda assim cantou com umas quantas modificações, qua a facilitavam.

A sr.^a Berlendi e o tenor Cartica não foram muito mais felizes.

O Rigoletto não é das operas em que Mario Ancona brilha mais.

De Grazia deu-nos um Sparafucil correcto e digno de elogio.

O Rigoletto repetiu-se no dia 16

Barbeiro de Sevilha

— 15.

Em recita extraordinaria de carnaval cantou-se hontem esta velha mas sempre apreciada opera de Rossini. Todos os papeis foram desempenhados pelas damas da companhia, á excepção do de D. Bartolo, de que o baixo generico Rossi tirou um grande partido.

As sr.^{as} Eva Tetrazzini—Conde d'Alma-viva, Savelli—Figaro, Capelli—D. Bazilio, Berlendi—Rosina, e Caravaglia Lina captivaram a attenção do auditorio e fizeram decorrer rapidas umas tres horas de espectáculo, no meio de grandes applausos.

O Barbeiro em travesti foi repetido a 17.

Força do Destino

— 19.

Deixou bastante a desejar o desempenho d'esta opera de Verdi, que exige um quintetto muito igual, constituido por cantores que disponham d'uma virtuosidade, que hoje quasi lhes não é exigida pelas operas modernas.

A sr.^a Bianchini Cappelli cantou a aria do 1.^o acto de modo a ser applaudida, assim como a *preghiera*: *Pace, pace, mio Dio*.

A sr.^a Livia Berlendi disse regularmente a canção do 2.^o acto: *Al suon del Tamburo*. No resto da opera não poudes satisfazer cabalmente, embora para isso mostrasse empregar toda a sua boa vontade.

Cartica disse bem o *duetto da maca*.
De Grazia muito bem durante toda a opera, que está perfeitamente na *tessitura* da sua voz.

A *Força do Destino* repetiu-se a 26.

Palhaços

— 21.

Agradou hontem bastante o desempenho d'esta opera, que foi escolhida para festa artistica de Mario Ancona, que tem n'ella um dos melhores trabalhos como actor e cantor.

Ancona foi applaudido no final do prologo, que repetiu, sendo por essa occasião brindado com flores, objectos de prata e quatro ricas bengalas.

No fim da opera cantou as seguintes *romanças*: *Occhi di Fata* — DENZA; *La Fermière* — GUY d'HARDELLOT; *Malia* — TOSTI, que repetiu; *Voi siete l'alba* — DE LEVA; *Amour captif* — CHAMINADE.

Ancona canta primorosamente as *romanças* de sala, de que tira um grande partido com o emprego da meia voz, que lhe permite dar á melodia um colorido que encanta.

O tenor Giraud teve uma grande ovação no arioso *Vesti la giuba*, que repetiu. Este artista agrada de cada vez mais e tem nos *Palhaços* um trabalho digno de todo o elogio.

Tambem tomaram parte nos *Palhaços* a sr.^a Savelli e os artistas Polese e Ragni, que contribuíram para o bom desempenho da opera.

Repetiram-se os *Palhaços* nos dias 21 e 24.

Cavalleria rusticana

— 24,

Foi magnifica a impressão que hontem deixou o desempenho d'esta opera.

A sr.^a Eva Tetrazzini tem na *Cavalleria rusticana* um primoroso trabalho como actriz e cantora.

Debutou o tenor De Lucia. E' um bom artista, com voz de timbre agradável, bem trabalhada, que lhe permite produzir magníficos effeitos de colorido, que enthusiasmam o auditorio. Foi applaudido na *Siciliana* do preludio, no brinde, repetindo uma e outro, no *duetto* com o soprano e no fim da opera.

Berlendi, Caravaglia Lina e Polese regularmente.

Repetiu-se no dia 25.

Repetições

Sapho, 19.

ESTEVES LISBOA (*Aristes*).

Argumentos d'Operas

Serrana

O libretto da nova opera de Alfredo Keil é do distincto escriptor sr. Lopes de Mendonça. Vamos d'elle dar uma succinta ideia.

A acção, bem tratada e cheia de lances dramaticos, passa-se em 1820, na serra da Estrella. Andam accessos os odios entre a gente da Malhada e a de Alfatêma.

Marcello, que domina na primeira d'estas povoações, tem odio profundo a *Pedro*, preponderante na segunda, porque *Zabel*, a sua amante, teve outr'ora amores com Pedro. Projecta, por isso, partir com ella para o Brazil.

No 1.^o acto encontram-se os dois partidos oppostos, havendo ainda lucta entre ambos, lucta que não prosegue, devido á intervenção de *Zabel* e de *Nabor*, velho maioral. No calor da refrega, *Zabel*, que ainda ama *Pedro* loucamente, consegue fallar-lhe e dizer-lhe que o espera á noite em sua casa.

No 2.^o acto, *Zabel* canta juntamente com as suas amigas. Estas retiram-se e *Zabel* espera ansiosa a chegada de *Pedro* com quem projecta fugir. Chega *Pedro* e ha entre os dois uma longa scena em que *Zabel* convence o seu antigo amante a partir com ella. Quando teem tudo preparado para a fuga, ouve-se a voz de *Marcello* que regressa a casa embriagado. *Pedro*, adiando o momento da fuga, salta por uma janella, mas, despenhando-se n'um barranco, cae desastradamente e morre.

Marcello, ao entrar, prodigalisa a expressão do seu carinho a *Zabel* que o repelle e foge de casa, deixando-o entregue á embriaguez.

Zabel, ao saber da morte de *Pedro*, enlouquece. Vêmol-a no 3.^o acto procurando-o por toda a parte. *Nabor* mostra-lhe o local onde elle foi sepultado. N'isto chega *Marcello* que a procurava para vingar-se e que, acceso em raiva e ciúme, dispara sobre ella a sua clavina, prostrando-a mortalmente ferida.

Zabel exhalava o ultimo suspiro junto ao local onde jaz aquelle que tanta amou e por amor de quem se perdeu.

Consta nos que a obra musical está admiravelmente tratada pelo auctor da *Irene* e da *D. Branca*, hoje justamente considerado como um dos nossos primeiros musicos.

NOTICIARIO

Do Paiz

Na Real Academia dos Amadores de Musica realisaram-se no dia 25 os seguintes exames de violino: 2.^a parte, Antonio Maria de Cardenas Guedes, aprovado plenamente; 3.^a parte, Beatriz de Mendonça Perry da Camara, aprovada com distincção; 5.^a parte, Augusto de Oliveira Gomes, aprovado com distincção.

*

«Quadrilha indiana» e «Rapsodia» são os titulos de duas composições para banda militar que a Commissão do Centenario da India teve o mau conselho de mandar imprimir, naturalmente para ficarem archivadas entre as recordações da celebração d'aquella data. Pois não ha duvida que fica archivada uma boa prova de ignorancia e atrazo em materia de arte musical.

Systema de compadres e padrinhos, quando deixareis de perseguir-nos com a vossa esmagadora estupidez?

*

Vianna da Motta foi muito applaudido no concerto em que ultimamente tomou parte, dado pela sociedade nacional de musica, em Paris. O *Guide musical* faz-lhe rasgados elogios, louvando-lhe a technica, que diz ser de primeira ordem, e o estylo.

*

A nossa distincta e gentilissima harpista D. Rachel Luizello, acha-se actualmente em Leipzig, um pouco restaurada de forças depois que uma doença melindrosa a obrigou a sahir de Lisboa e procurar alivios no vivificante clima da Madeira. Agora voltou á sua querida harpa, que de novo dedilha com aquelle maravilhoso encanto que lhe conhecemos. Um jornal de Leipzig dedica-lhe um elogioso artigo, louvando-lhe a delicadeza admiravel e a interpretação magistral.

CONCERTOS NO PORTO

Na 2.^a quinzena de fevereiro, realisaram-se os seguintes concertos no Orpheon Portuense:

40.º sarau musical (18 de fev.º):

Beethoven — op. 69. Sonata em lá maior para violoncello e piano, pelos srs. P. Casals e Moreira de Sá.

Romanza para tenor pelo sr. Frank de Castro.

Schubert — op. 99. Trio em si bemol para piano, rebecca e violoncello, pela menina Leonilda Moreira de Sá e P. Casals.

Lalo — 1.º tempo do Concerto para violoncello, pelo sr. P. Casals.

Romanza, pelo sr. Frank de Castro.

Fauré — Elegia.

Popper. — Tarantella para violoncello pelo sr. P. Casals.

41.º sarau musical. (21 de fev.º):

Godard — Saltarello, para rebecca, pela sr.^a D. Laura Barbosa.

Beethoven — Trio em sol para Piano, rebecca e violoncello, pelos srs. Luiz F. da Costa, Moreira de Sá e Casals.

Mendelssohn — Allegro molto appassionato do Concerto, para rebecca, pelo sr. Moreira de Sá.

Saint-Saëns — Concerto em lá menor para violoncello pelo sr. Casals.

Hofmann — Wer weiss, wie bald, para canto pela sr. D. Bertha Lehmann Camello.

Dunkler — Berceuse.

Popper — Arlequin, para violoncello, pelo sr. Casals.

42.º sarau musical. (23 de fev.º):

Beethoven — 6 variações para piano pela menina Paulina Monteiro Maia.

Tartini — Allegro do concerto em ré menor para rebecca, pela menina Rosalia Maia.

Rubinstein — op. 52. Trio em si bemol por miss Jones e srs. Moreira de Sá e Casals.

Goltermann — Concerto em lá menor para violoncello, pelo sr. Casals.

Beethoven — Trio em ré maior, pela sr.^a D. Amelia Paiva e srs. Moreira de Sá e Casals.

Campagnoli — Andante.

Goltermann — Saltarello, para violoncello pelo sr. Casals.

43.º sarau musical. (25 de fev.º):

Mendelssohn — op. 66. Trio em dó menor pelos srs. Freitas Gonçalves, Moreira de Sá e Casals.

Grieg — Canção de Solvejg, para canto pela sr.^a D. Bertha Lehmann Camello.

Lalo — Concerto para violoncello pelo sr. Casals.

Salvini — Oh! rosas purpurinas, pela sr.^a D. Bertha Lehmann Camello.

Field — Nocturno.

Saint-Saëns — Allegro appassionato para violoncello pelo sr. Casals.

O acompanhamento ao piano em todos

os quatro concertos, foi feito pelo distincto professor sr. Benjamim Gouvêa.

Do Estrangeiro

Ha pouco tempo inaugurou-se em Moscow o novo edificio para o conservatorio d'aquella cidade.

Magestosa construcção, comprehende trinta e quatro salas para aulas, todas bem arejadas e cujas paredes intermediarias são forradas de um estofa especial para amortecer os sons. A pequena sala de concertos destinada á musica de camara contém cento e oitenta logares; a grande sala póde admitir duas mil pessoas. No centro d'ella ergue-se o busto de Rubinstein, fundador do conservatorio de Moscow.

*

A «Walkyria» agradou muito em Barcelona e pouco em Madrid. A appareição d'esta opera de Wagner no visinho reino accendeu ali uma violenta guerra wagneriana, tendo já havido grandes batalhas no campo da imprensa, mas sem resultado decisivo. As ballas de papel carregadas de metralha typographica cruzam-se em todos os sentidos, mas não conseguem penetrar as couraças dos combatentes.

*

N'um concerto de musica de camara realisado ultimamente em Paris, René de Bois-deffre apresentou uma nova composição importante — *Deuxième Sextuor* — que, segundo a opinião do *Gude Musical*, é uma obra sinceramente escripta, d'uma bella linha melodica e que colloca o seu auctor entre os compositores francezes que teem sabido escrever as mais interessantes paginas de musica de camara.

*

A proxima época theatral em Bayreuth, abre a 22 de julho com o «Oiro do Rheno», executando-se, por completo, as quatro partes do «Annel do Niebelung». Isto para a primeira serie de representações; a segunda começará em 14 de agosto e constará dos «Mestres Cantores de Nuremberg», e do «Parsifal».

Directores musicaes serão Mottl, Hans Richter e Siegfried Wagner.

A sala está já toda tomada, como é costume, por especuladores que vendem depois os logares por bons preços aos forasteiros que empreendem a romaria de Bayreuth para admirarem a obra de Wagner em toda a sua pureza de interpretação.

*

A Sociedade de concertos classicos em Marselha, adquiriu um grande órgão de tres teclados manuaes e um pedestal, servidos por quarenta e um jogos completos e construido pela casa Michel Mercklin, de Lyon.

Estreiou este magnifico instrumento no dia da sua inauguração solemne, o distincto organista parisiense Widor, que além de ter executado varios trechos, dirigiu uma symphonia de sua composição para orchestra e órgão.

*

Os concursos abertos em 1898 pela Sociedade dos compositores de musica de Paris deram fraco resultado, só foram premiados uma «Suite» para piano e orchestra apresentada por madame Renand Maurg e duas «Suites» para oboé, trompa, violoncello e harpa chromatica sem pedaes (systema Lyon), sendo uma de L. Mel-Bonis e outra tra de M. Th. Sourilas, aos quaes foram concedidos o premio *ex-aquo*.

COLLECÇÃO

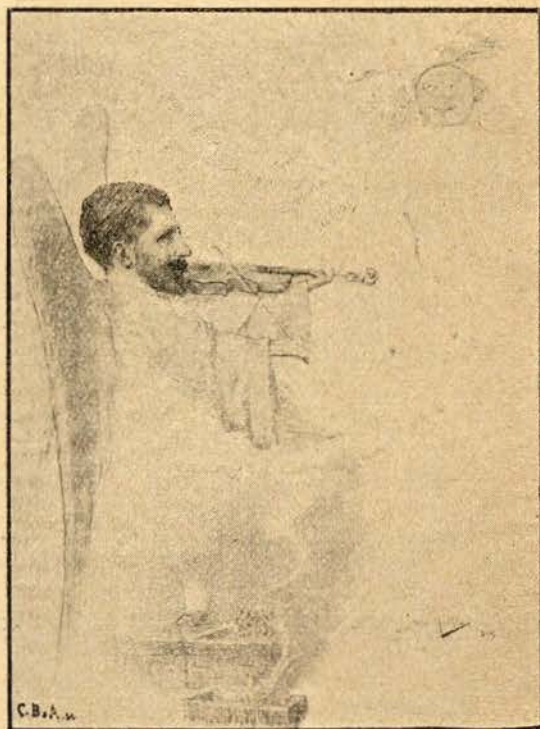
DAS 5 CARICATURAS DE JOSÉ MALHÔA

OFFERECIDAS AOS AMADORES QUE TOMARAM PARTE

no 1.º concerto de musica de camara

(em 30 de janeiro de 1899).

— II —



JOSÉ RELVAS